

PONTOGOR



Pontogor costuma desenvolver seus trabalhos com os materiais que ele encontra no local. Ele trata tudo da mesma maneira. Quer se trate de uma guitarra, um amplificador, uma televisão, um gravador, uma porta ou uma cadeira. Cada elemento é utilizado como parte de um todo. Uma cadeira faz sons e uma guitarra se torna um objeto. Para este filme, ele teve a colaboração da artista Julia Pombo. Duas pessoas, cada uma movimenta uma cadeira. Ao mesmo tempo, cria imagem repetitiva e um som de fricção usando isso como base para a improvisação sonora ao vivo

Alan Quireyns
Nota para a divulgação do evento Open Air 5

Este trabalho (dentre outros) foi desenvolvido durante uma pesquisa de três meses, na residência Air Antwerpen, onde fiz do porão da casa onde estava hospedado meu estúdio. O local tinha a aparência de um depósito abandonado, onde encontrei todo tipo de coisas que as pessoas não usavam, jogadas e amontoadas ao acaso. Objetos como: amplificadores, mesas de som, móveis quebrados, tecidos e muitas cadeiras de diferentes modelos. Essas coisas tornaram-se minhas ferramentas e objetos de pesquisa.



CHAIRS, 2011
Open Air 5
Air Antwerpen, Bélgica



DÍPTICO CADEIRAS, 2011
Fotografia - 125 x 180 cm



PÊNDULO, 2011
Fotografia - 80 x 125 cm

QUEDA, 2011
Fotografia - 150 x 100 cm



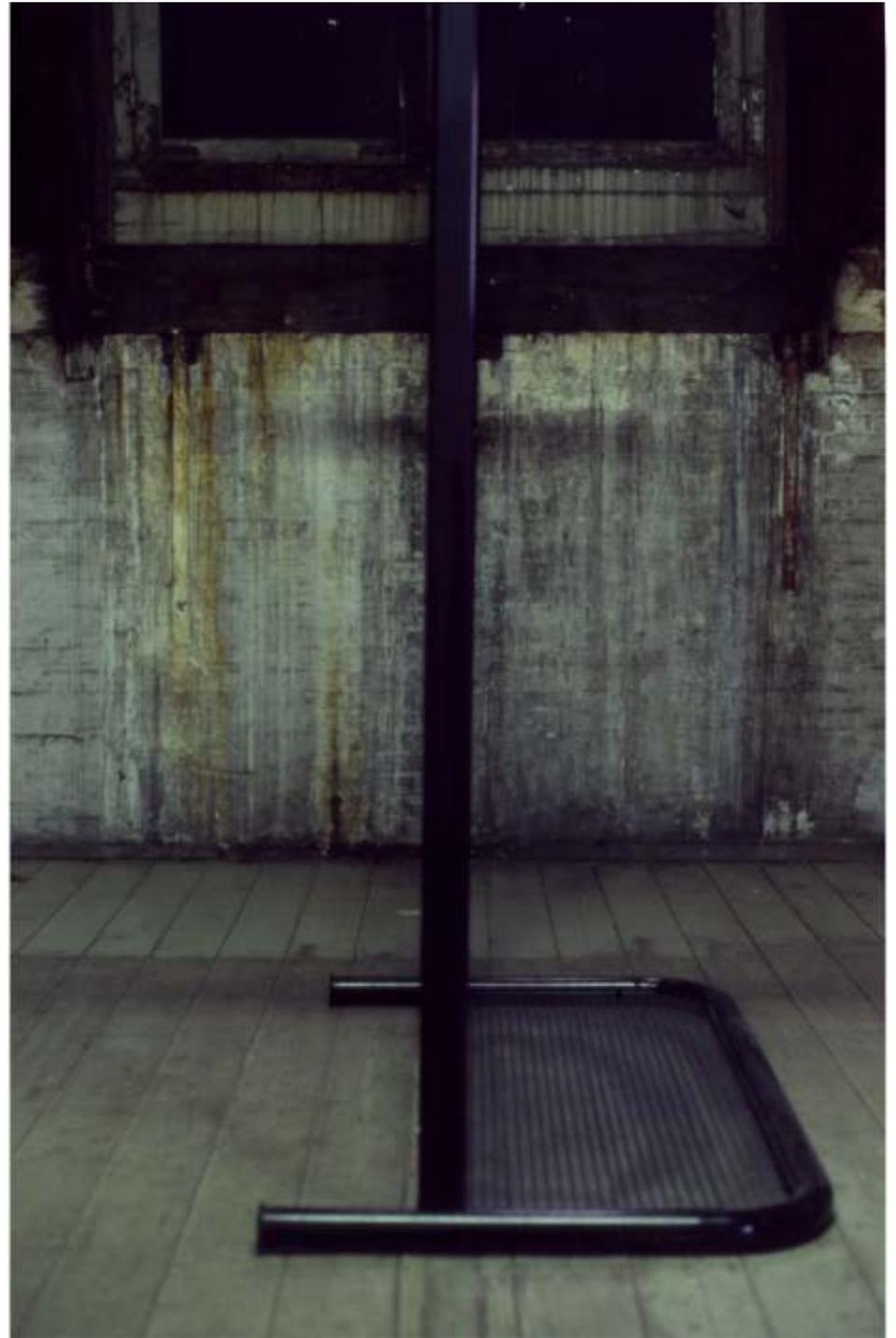
CENA 3, 2011
Fotografia - 125 x 70 cm



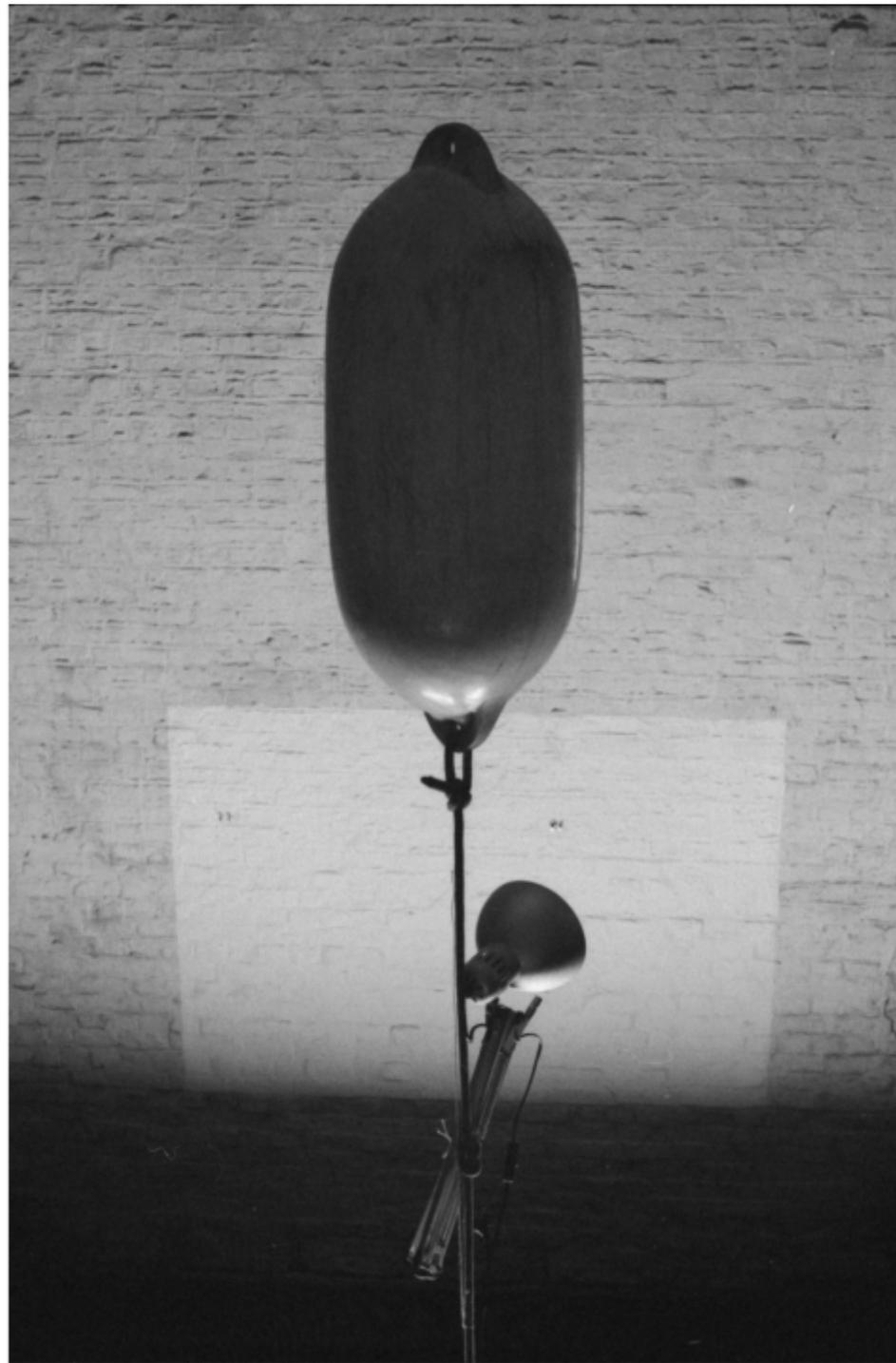
AMONTOADO, 2011
Fotografía - 200 x 125 cm



SEM TÍTULO, 2011
Fotografia - 125 x 90 cm



BOIA, 2011
Fotografia - 80 x 60 cm





- X, 2011
Fotografia - 125 x 150 cm

Nos pilotis do MAM-Rio, exatamente entre as pilastras centrais, estavam colocados: um amplificador com o falante voltado para cima, um baixo deitado sobre o mesmo AMP com o braço do instrumento apontando para dois holofotes que estavam a 4 metros, apoiados em tripés a 160 cm do chão e um paralelepípedo sobre o baixo. Ao lado uma guitarra repousava com suas cordas viradas para o chão. Todos os equipamentos ligados entre si e distribuindo o sinal para as outras caixas de som distribuídas no entorno.

O nome SS|RR faz referência às letras dobradas nas palavras "baSS" e "guitaRRa".

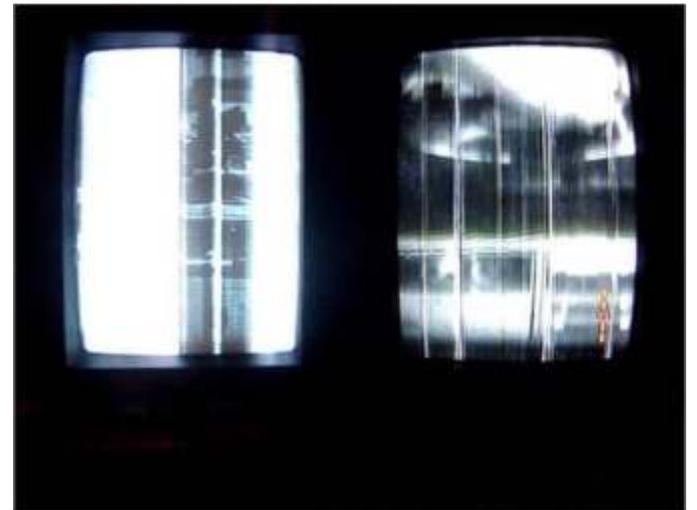
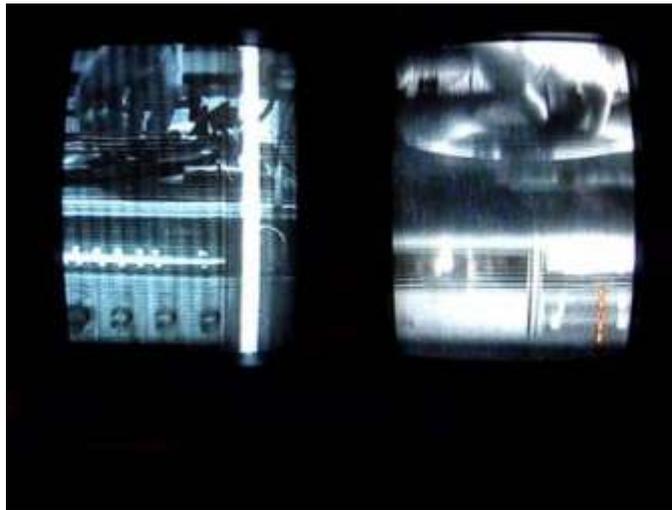
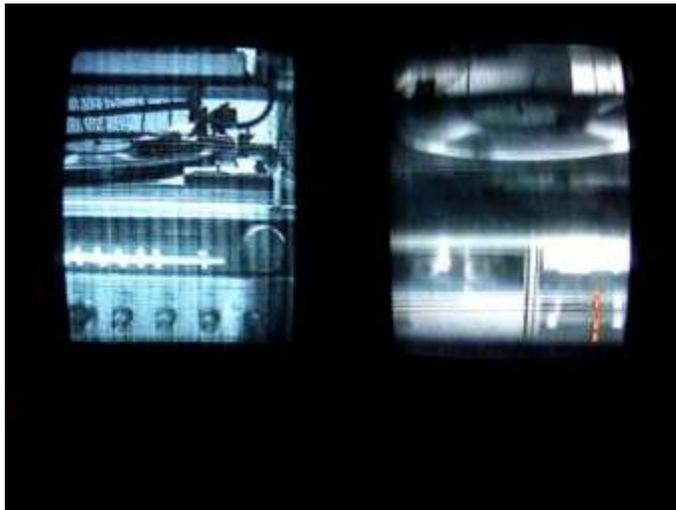
A idéia inicial é bem simples: eu queria usar a guitarra como uma espécie de arco (como o do violino) para tocar o baixo, mas estando os dois instrumentos ligados, a relação seria recíproca, fazendo com que o baixo também servisse de arco para a guitarra. Este é um tema bastante comum na minha produção, a "cumplicidade" entre duas ferramentas e as possibilidades de controle desta situação.

Passei então a fazer experiências com esta composição, incluindo feedbacks e gravação.

A primeira apresentação do trabalho aconteceu em uma galeria, mas no MAM o todo ganhou uma potência diferente.

SS|RR é uma música não só para os ouvidos, mas para os olhos e pés. É preciso sentir os graves e observar o que estou fazendo. Quando abro os volumes tudo ali é trabalho.





DÍPTICO, 2008
Vídeo 3min15



PINTURA BRANCA, 2008
Vídeo 2min22

Dois velhos pianos foram manipulados no atelier de pintura da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, e este foi o primeiro momento do registro de imagens, a primeira gravação. Os pianos são patrimônio abandonados da escola, destroçados pelo tempo e descaso. Já não tem pernas, por isso não se sustentam em pé. Assim, o artista trabalhou com eles de lado, arrastando-os sobre o piso, girando-os e produzindo ruídos. Os pianos, sem perder seu ar sedutor, são arrastados evidenciando seu peso e forma, ou seja, sua fisicalidade. Já não são instrumentos, são matérias.

Em uma segundo estágio, os vídeos e áudios são capturados e processados ao vivo. O vídeo é projetado de videocassetes que têm vitrolas simultaneamente ligadas em suas entradas de imagem, o que gera «ruídos visuais». A música é resultado de um híbrido de ruídos captados das gravações dos pianos arrastados, somado ao áudio dos toca-discos (que que rodam Chopin, Schubert e Stravinsky), além dos sons mecânicos e eletrônicos das máquinas usadas. Tudo isso sendo realizado simultaneamente com a edição das imagens.



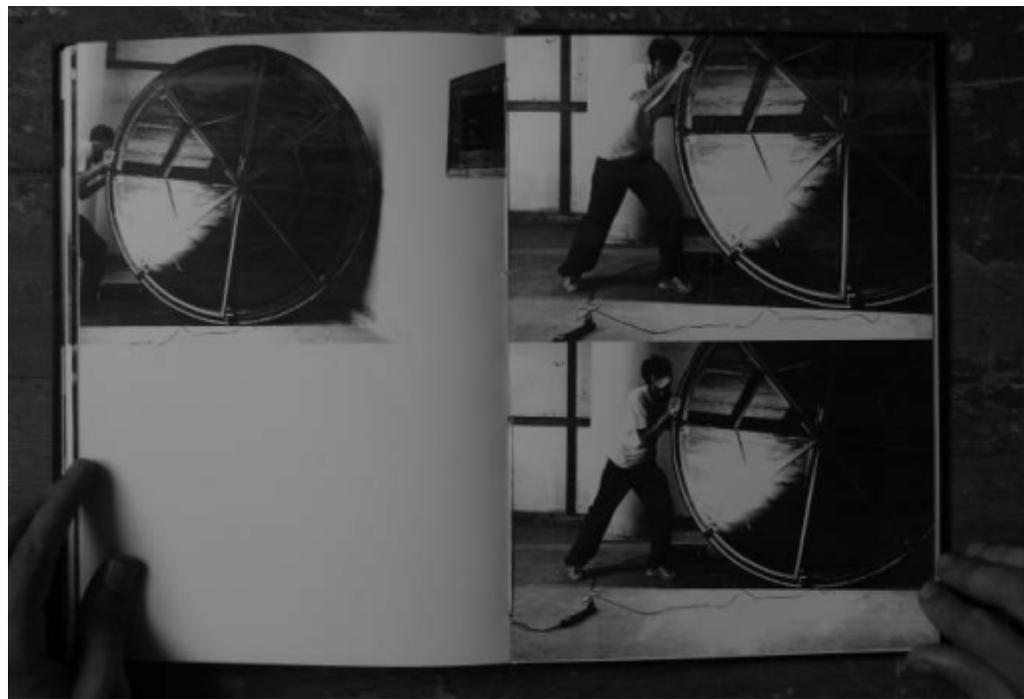
PIANOS, 2007 (Prêmio Prodem)
Bienal Internacional Siart
Espacio Simon i Patiño, La Paz, Bolívia



CHASSI, 2007
Fotografia - 60 x 80 cm



CHASSI, 2007
Fotografia - 60 x 80 cm cada



LIVRO 1|2 - CAVALETE|PALCO, 2008 *colaboração: Vijai Patchineelam*
29 x 21 cm - 124 páginas

Captadores de vibração colados a uma grande roda de madeira, construída com as mesmas medidas de uma palco para modelo vivo, conectados de forma a interferir nas imagens capturadas por um circuito fechado que projetava a ação em uma das paredes da sala. Neste trabalho o som é apenas uma consequência inevitável dos movimentos. Meu corpo empurrando a roda contra a parede é o ponto central, em batidas fortes e repetitivas durante 15 minutos.



RODA, 2008
Performance Presente Futuro
Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil



PALCO DESTRUÍDO, 2009
Fotografía - 125 x 180 cm



MADEIRA, 2008
Vídeo 24min

SOFÁ, 2008
Fotografia - 180 x 125 cm





CRUCIFICAÇÃO, 2010
Fotografia - 180 x 125 cm

CABEÇA | CUBO, 2010
Fotografia - 125 x 85 cm



PEDRA é uma vídeo/performance onde o artista manipula áudio e vídeo em tempo real, hibridizando os meios e desenvolvendo uma relação de cumplicidade entre eles. Imagens que em alguns momentos beiram o caos e se tornam quase abstratas pela quantidade de ruídos e sons que variam entre noises, feedbacks e composições pré-gravadas que interferem diretamente nas imagens exibidas.

Texto para o site da 29a Bienal de São Paulo

Uma pessoa bate com uma pedra sobre uma mesa de madeira. O paralelepípedo é pesado e os braços devem apenas levantá-lo e deixar que bata, com força, sobre a superfície. Ao invés de utilizar meu corpo em cena, dei instruções do que queria e pedi que uma artista realizasse a ação. Dessa forma, teria menos controle sobre os resultados.

"Mas o que devo fazer com a pedra?" Ela perguntou.

"Apenas bata com ela na mesa, tendo em mente a musicalidade que os movimentos podem gerar. Mas não quero que faça uma "batida". Pense que uma guitarra sendo arrastada pelo chão também gera notas e acordes ao acaso. Esse é o tipo de *música* que imagino."



PEDRA, 2010
Terreiro A Pele do Invisível
29a Bienal de São Paulo, Brasil

A, 2011
Fotografia - 170 x 100 cm

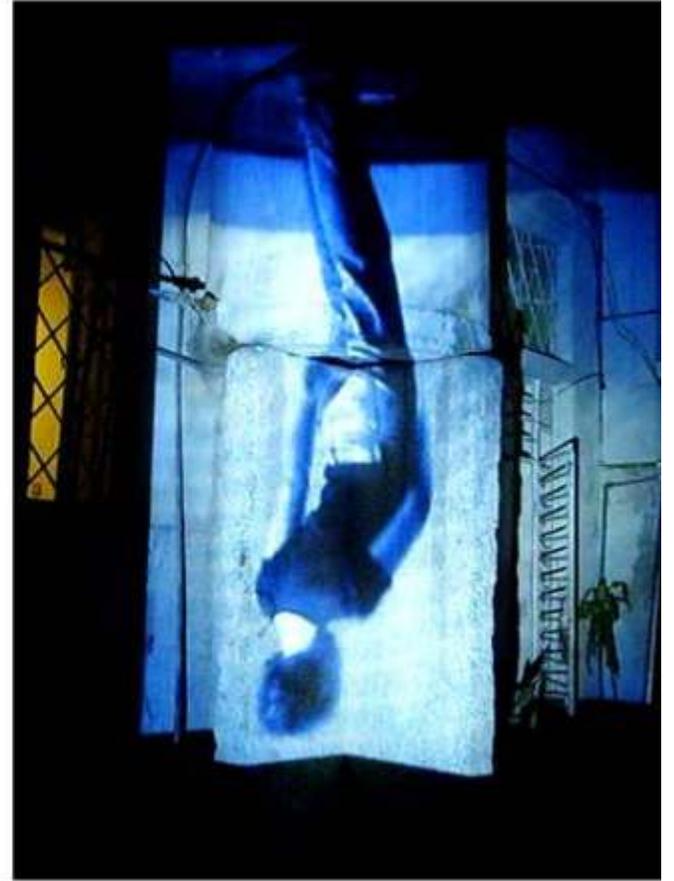
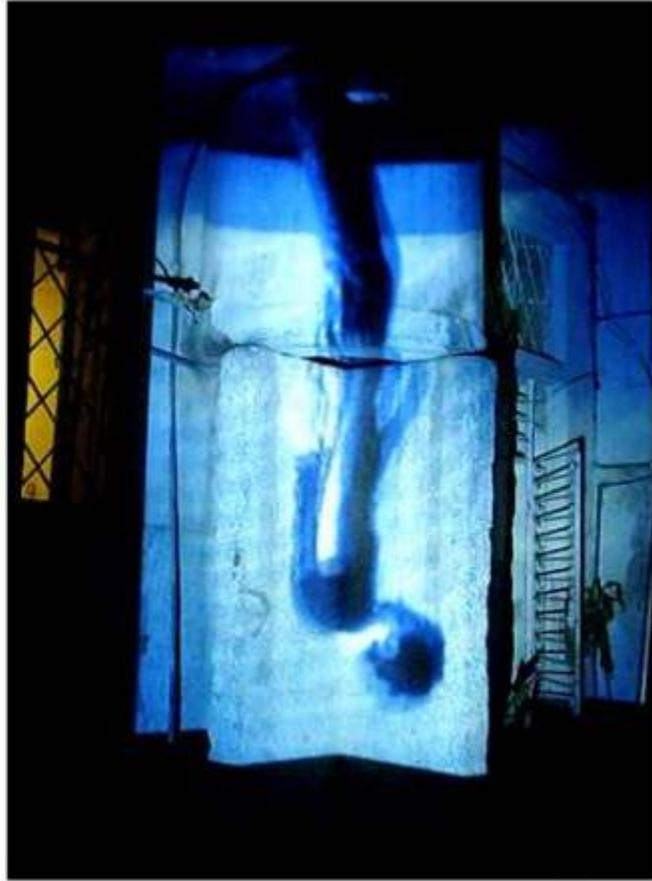
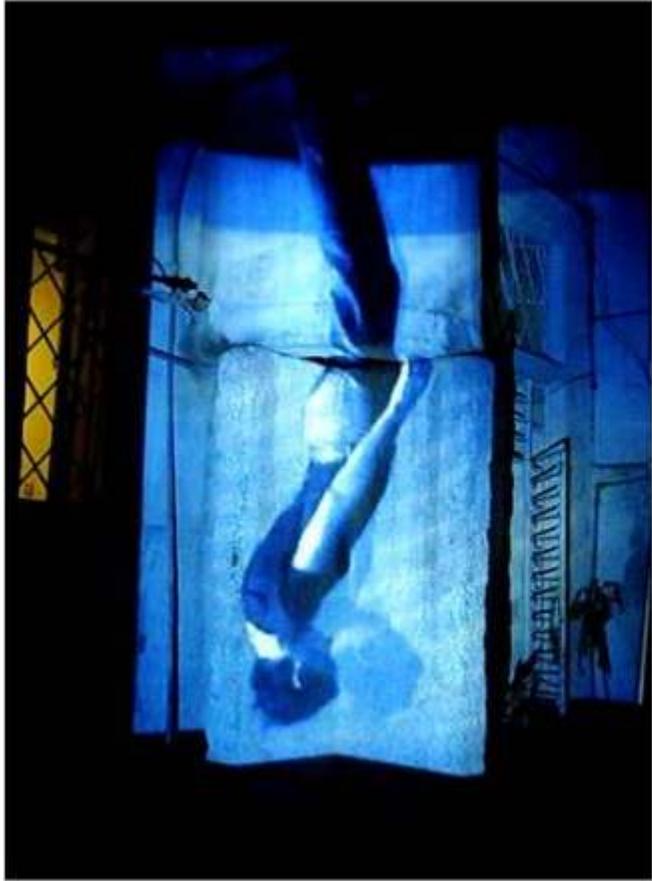


ESCADA, 2011
Fotografia - 100 x 70 cm





MÁQUINA, 2010 *colaboração: Julia Pombo*
Vídeo 1min47 - díptico para dois televisores



DANCE, 2009
VÍdeo 1min50

LUSTRE, 2009
Fotografia - 200 x 125 cm



POLTRONA, 2009
Fotografia - 200 x 125 cm





A PAIR OF LUNGS, 2009
Fotografia - 125 x 70 cm



MARA HOPE, 2010
Vídeo 17min

MARAHOPE

Em um sonho eu nadava em uma praia que não tinha areia e as ondas quebravam em um enorme muro, como a encosta de uma montanha, mas a sensação era bem diferente. Todos aproveitavam a situação com normalidade, todos estavam tranquilos. Ondas enormes se formavam e diversas pessoas se aventuravam em um mar de absurda força.

Eu estava na água quando vi algo muito grande surgir. Sua pele era negra e não aparentava ter olhos, não me lembro se tinha boca, mas aquilo me causava pavor e curiosidade.

Nadamos para a encosta em um ritmo desesperado e de lá observamos a criatura sinistra que se movia calma e lentamente.

Tudo que via da ponte era como um fóssil dessa antiga visão, estático, negro, com a aparência de um prédio, algo que não pertencia à realidade. Passei a observá-lo com frequência, como se tivesse medo que de um dia para o outro sumisse, como se nunca tivesse existido.

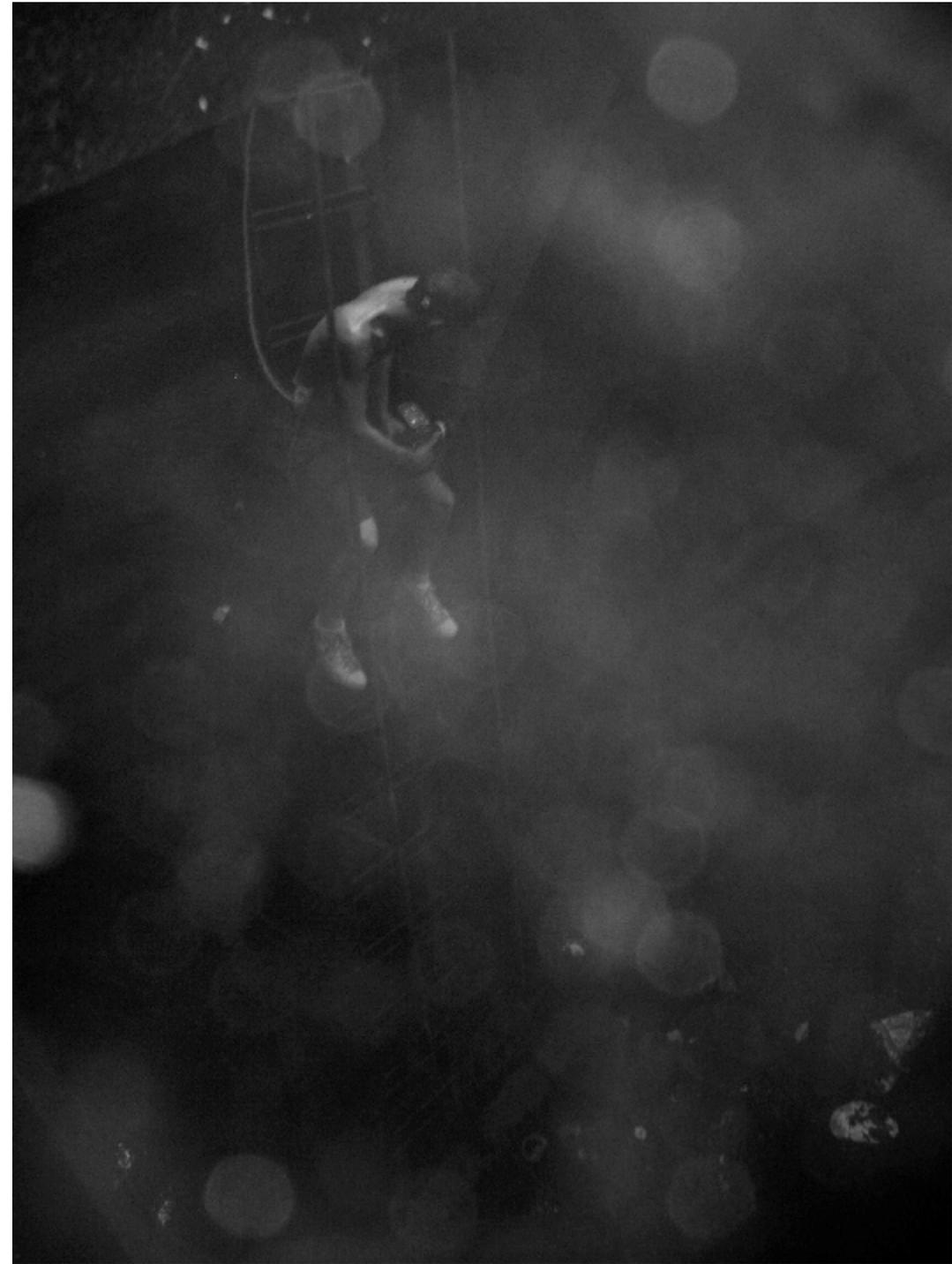
O mar me causa estranho receio. O que está sob as águas torna-se misterioso e inusitado. O corpo flutuando é obrigado a estar sempre em movimento, esses movimentos fundem-se diretamente aos movimentos das correntes.

Perde-se o controle total da situação e assim é possível perceber que nossas vontades não dependem unicamente do nosso esforço. A luta se transforma em uma dança onde ambas as partes dialogam para encontrar equilíbrio.

De longe, do ângulo que eu o observava, mais parecia um edifício, ou pelo menos seus últimos andares. Não parecia fazer sentido, a visão era como de sonho.

A magnitude do que eu via era absurda.

Legendas do vídeo Mara Hope





LIVRO 9 - PINTURA VÔMITO, 2008
29 x 21 cm - 160 páginas

Pontogor

Rio de Janeiro, 1981
55 21 9893 2192 / pontogor@gmail.com
http://pontogor.blogspot.com

Vive e trabalha no Rio de Janeiro e desde 2005 sua pesquisa tem foco em meios como: vídeo, fotografia, instalação, performance e som. Em processos peculiares, seus trabalhos são desenvolvidos com equipamentos como: TVs velhas, vitrolas, mesas de som, equipamentos encontrados, eletrônicos modificados e câmeras de segunda mão. Sempre usando o erro e o acaso como ferramentas.

Estudou pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ e em cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Prêmios e Residências

2007 ganhou o Prêmio Prodem, Bienal Internacional Siart em La Paz, Bolívia.

Participou dos programas de residência:

2011 - Air Antwerpen. Antuérpia, Bélgica.

2011 - Encontro V.E.R. Terra UNA, Liberdade, Minas Gerais;

2010 - Contemplado com o edital do Banco do Nordeste, passou um mês em Fortaleza para desenvolvimento da exposição AÇÃO, no CCBNB

2009 - Batiscafo em La Habana, Cuba

2008 - 4Territórios em Brasília.

Exposições Individuais

Ação

Centro Cultural Banco do Nordeste
Fortaleza, Brasil - Junho 2010

Pinturas

SESC Nova Friburgo
Rio de Janeiro, Brasil - Março 2009

Pontogor

Experimental Gomo
Rio de Janeiro, Brasil - Novembro 2005

Exposições Coletivas

Performance Arte Brasil
Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro, Brasil - Março 2011

SUVENIR # Brasilien
Kunst im Kulturflur
Hildesheim, Alemanha - Janeiro 2011

29a Bienal de São Paulo
Terreiro: A Pele do Invisível, Pavilhão da Bienal
São Paulo, Brasil - 20 Novembro 2010

Latidos Urbanos
Museo Nacional de Arte Contemporáneo
Santiago, Chile - Novembro 2010

Live Cinema
Oi Futuro (Ipanema)
Rio de Janeiro, Brasil - Dezembro 2010

Festival Outro Rio
Plano B
Rio de Janeiro, Brasil - Novembro 2010

Com Afeto, Rio
Galeria Oscar Cruz
São Paulo, Brasil - Abril 2010

Liberdade é Pouco
Residência do curador da mostra
Rio de Janeiro, Brasil - Março 2010

Jogos de Guerra
Fundação Memorial da América Latina
São Paulo, Brasil - Março 2010

Arte 24 Horas
Pier Mauá, Armazém 4
Rio de Janeiro, Brasil - Janeiro 2010

7a Bienal do Mercosul
Ao redor de 4'33"/Radiovisual
Porto Alegre, Brasil - Outubro e Novembro 2009

Amplificadores
Museu Murillo La Greca
Recife, Brasil - Novembro 2009

Piscinão da Benvinda de Carvalho
Murilo Castro Gallery
Belo Horizonte, Brasil - Fevereiro 2009

Banda d'Alén
SESC Niteroi
Rio de Janeiro, Brasil - Dezembro 2008

Zoation Painting, La Pintura de Broma.
Museo Nacional de Arte
La Paz, Bolívia - Setembro 2008

Performance Presente Futuro
Oi Futuro (Flamengo)
Rio de Janeiro, Brasil - Agosto 2008

Diminuir as Distâncias
Galeria de Arte Casarão
Espírito Santo, Brasil - Julho 2008

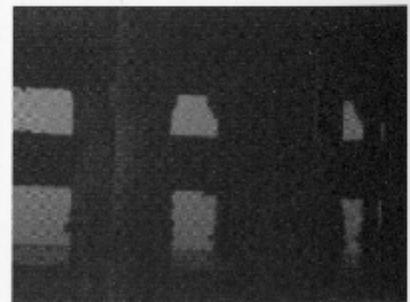
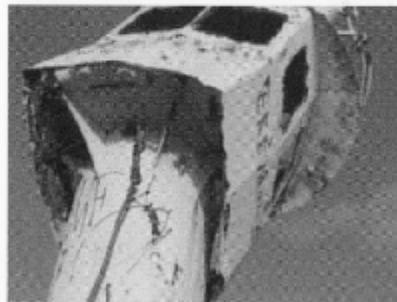
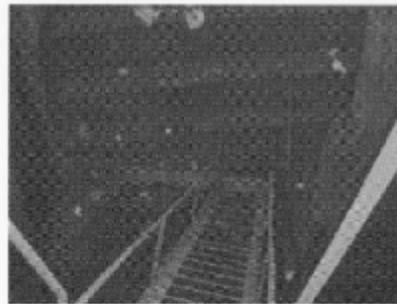
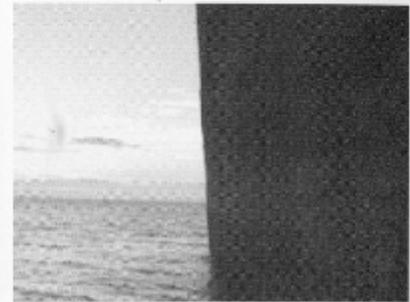
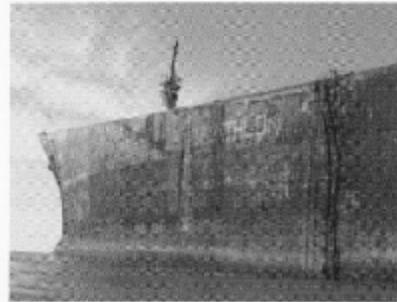
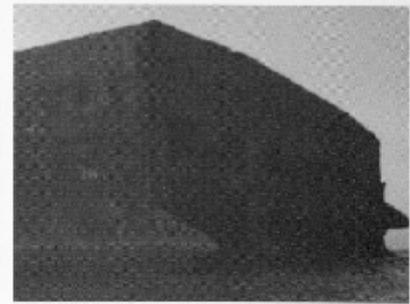
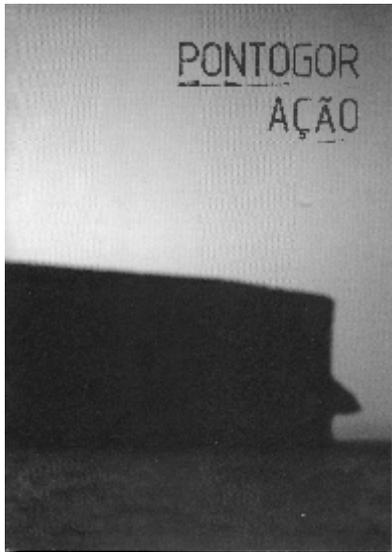
Abre Alas – Largo das Artes
A Gentil Carioca / Largo das Artes
Rio de Janeiro, Brasil - Janeiro 2008

I Bienal EBA/UFRJ
Castelinho do Flamengo
Rio de Janeiro, Brasil - Dezembro 2008

IV Bienal Internacional SIART
Espacio Simon y Patiño
La Paz, Bolívia - Novembro, 2007

2007 Uma Odisséia no Parque
Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Rio de Janeiro, Brasil - Agosto 2007

Retratos do Brasil
SESC Madureira
Rio de Janeiro, Brasil - Agosto 2007



AÇÃO, 2010
Catálogo, CCBNB, Fortaleza, Brasil



BATISCAFO residencia CAFO sept-oct 2009

Centro
Hispanoamericano
de cultura 25 de septiembre
3 a 5 pm

COOR. ARTISTAS

H²VOS

TriangleArtsTrust



El programa de residencias Batiscafo abre su diapasón hacia el trabajo curatorial. No sólo ofrece la posibilidad a artistas cubanos y latinoamericanos de intercambiar experiencias en La Habana sino también, por primera vez, provee a curadores de allá y de aquí, con el tiempo y los recursos mínimos para fomentar una incipiente investigación de campo, que pueda resultar en colaboraciones futuras. La idea es incitar miradas frescas al arte cubano contemporáneo, así como propiciar disímiles conexiones curatoriales con la creación latinoamericana.

Durante el mes de septiembre, el artista brasileño en residencia Pontogor, y las curadoras Beatriz Lemos (Brasil) y Yuneikys Villalonga (Cuba) han venido desarrollando sus trabajos individuales en diferentes direcciones, para converger en una serie de intervenciones y presentaciones públicas, que tuvieron como invitada a la artista Núria Güell. En una acción colaborativa, Pontogor proyectó nuevos materiales en video en diferentes paredes de la Habana Vieja. Otras dos piezas en performance, de Güell, se han gestado en el proceso de trabajo y tendrán lugar en días venideros, en la Ciudad. De inminente formación pictórica, Pontogor ha venido realizando en los últimos años un tipo de obra en que el video y el performance se hibridan, y que encuentran en el registro de la acción su resultado final. Todo el proceso de realización de un trabajo, el esfuerzo del cuerpo del artista al relacionarse con los materiales y medios, se torna objeto de investigación para Pontogor. El artista usa como método de acción la observación de su entorno cotidiano, de donde utiliza, de manera orgánica, detalles visuales y sonoros.



PONTOGOR

Con un gran interés antropológico, Güell se acerca a la experiencia urbana, en busca de malestares y patologías prevalentes en la sociedad contemporánea: los efectos del turismo, la falta de comunicación, el abuso político y socioeconómico del amor, etc. La mayoría de sus piezas suponen la participación de la comunidad, así como la instauración de determinado "servicio": una negociación o trueque de ciertas "mercancías", no necesariamente de valor material, pero que la artista basa en la satisfacción de carencias metafóricas, para las dos partes.

Beatriz Lemos da continuidad en Cuba a su Proyecto Intercambios, a través de una serie de entrevistas y encuentros

presentación de
obras de los artistas:



NURIA GÜELL

PONTOGOR



VILLALONGA

BEATRIZ LEMOS

CREDITOS

Elky Capote
/Glerda Salazar
/Dalila López
/Ana Olema
/Jesús Hernández-Güero
/Heriberto García

Agradecimientos
Proyecto OMMI-Zona Franca, especialmente a Ansuary. A todos los curadores, críticos y artistas que colaboraron en el proyecto "Intercambios" de Beatriz Lemos. A Mercedes Matamoro, Yureli Hernández, Raúlán Marrero, Eduardo Rodríguez, Marlen Álvarez, Ignacio Cruz, Alicia León, Violeta Ramos, Escuela Internacional de Cine, Centro Hispanoamericano de Cultura y a todos los que de una forma u otra hicieron posible la realización de este evento.



Performance Presente Futuro, 2008
Catálogo, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil

PONTOGOR

Roda [Ação, 15 min. 2008] O artista bate com um palco de madeira, redondo, virado de lado (como uma roda), contra uma parede. Pancadas sucessivas e quase ritmadas. Duas projeções mostram a ação por ângulos diferentes e o som amplificado das batidas interfere nessas imagens de forma destrutiva, criando ruídos visuais.

Pontogor Nasceu em 1981 e vive no Rio de Janeiro. cursou pintura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e em cursos livres na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em 2007, recebeu o prêmio Prodem na Bienal Internacional Siart em La Paz, Bolívia, com o trabalho "PIANOS".



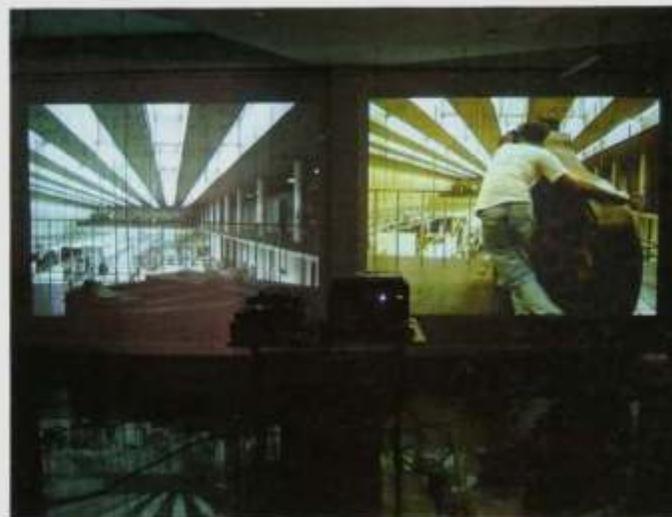
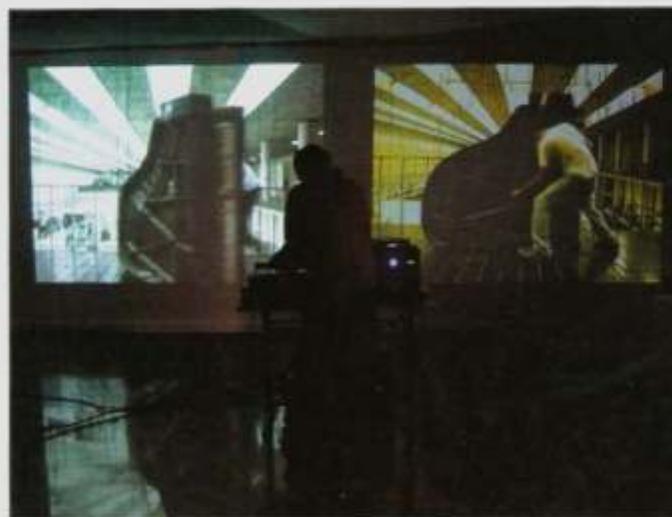


V Bienal Siart, Prêmio Prodem, 2007
Catálogo, La Paz, Bolívia

Premio Prodem

Concurso Internacional

Pontogor Brasil



Pianos
Video - Performance

